

## CALVIN: QUANDO A VIOLÊNCIA DO MUNDO REAL MATA UM PERSONAGEM DA FICÇÃO

Dario de Barros CARVALHO JR.  
Faculdades de Jornalismo, Publicidade  
e Propaganda e Relações  
Públicas/PUC-Campinas

### RESUMO

*Este artigo aborda a relação catártica que o leitor de quadrinhos vive por meio de um personagem e mostra como a morte do personagem de história em quadrinhos Calvin (da tira Calvin e Haroldo, de Bill Watterson) está relacionada às mudanças da sociedade americana ocorridas, em especial, na década de 90. Mais ainda: analisa como essas mudanças acabaram por subverter a proposta da narrativa ficcional de funcionar em um mundo parasitário do real. Originalmente desenvolvido como parte da pesquisa que originou a dissertação de mestrado do autor, este estudo ganhou significância própria e acabou excluído da mesma, sendo transformado no artigo aqui publicado pela primeira vez.*

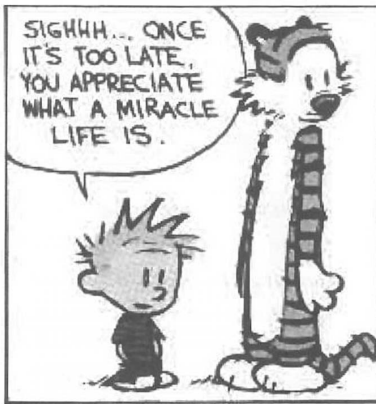
**Palavras-chave:** Ficção-Realidade. História em Quadrinhos. Transformação social. Violência.

### ABSTRACT

*This article is about the cathartic relationship a comic book reader lives through a character and shows how the death of*

*the character Calvin (from the comic strip Calvin and Hobbes, by Bill Watterson) is connected to the social changes lived by the American society, especially in the 90s. Furthermore, this article analyses how these changes, in a final analysis, led into a subversion of the fictional narrative proposition, which is to function in a parasite world of the real one. Originally developed as part of the research that gave birth to the author's Master Degree dissertation, this study gained its own significance and it was excluded from the dissertation, and has become this article which is now published for the first time.*

**Key-words:** Fiction-Reality. Comics. Social transformation. Violence.



cena e ganharia sua própria tira.

A primeira tira de Calvin e Haroldo (*Calvin and Hobbes*) foi publicada em 18 de novembro de 1985. Inteligente, criativo e carismático, Calvin recebeu seu nome em homenagem a Calvino (filósofo e teólogo francês do século XVI, foi uma das figuras chaves na reforma protestante) e seu amigo tigre, Haroldo (Hobbes), batizado em referência a Thomas Hobbes, filósofo britânico do século XVII.

Watterson – um avesso a entrevistas e aparições públicas – teria escolhido esses nomes por acreditar que os dois são responsáveis por conceitos religiosos e morais incorporados à sociedade estadunidense, invariavelmente colocados em xeque nas tiras. O próprio Watterson ressalta ainda que Calvino acreditava em predestinação e Hobbes tinha uma visão estranha da natureza humana, características que colocou – a seu jeito – nos personagens da tira.

Em 1984, o cientista social William “Bill” Watterson foi demitido do jornal *Cincinnati Post*, em Ohio (EUA), no qual trabalhava como cartunista, e resolveu se dedicar às histórias em quadrinhos. Em uma de suas primeiras tentativas, criou uma tira sobre um rapaz que acabara de se formar na universidade e, em uma das cenas, aparecia ao lado do irmão mais novo: um garotinho loiro sem nome, que andava pela casa arrastando seu tigre de pelúcia. Assim surgiu Calvin, um personagem secundário que logo roubaria a

Calvin: quando a violência do mundo real mata um personagem da ficção

Calvin é um garoto hiperativo de seis anos, que vive aventuras domésticas com seu tigre de pelúcia, Haroldo. O boneco “ganha vida” quando está sozinho com o garoto e é seu melhor amigo. Dono de uma imaginação sem limites e um vocabulário sofisticado para um menino da pré-escola, Calvin ironiza - mais que isso, é sarcástico em relação a costumes, crenças, morais, instituições - o dia-a-dia e os relacionamentos tipicamente americanos (o *american way of life*).

Se Calvin é sarcástico e muitas vezes cruel, Haroldo, por outro lado, é de uma ironia fina, sutil, e altamente filosófico, contrapondo-se ao personagem principal e até mesmo tentando - sem sucesso - ser uma espécie de consciência do garoto.

Calvin adora dar dor-de-cabeça a seus pais, que têm bastante trabalho para educá-lo. Constantemente o garoto imagina os

SEU CRETINO! ISTO É POR ME MANDAR UM CARTÃO DE DIA DOS NAMORADOS COM UM DESENHO DE MIM COMO UM CADÁVER DEVORADO POR VERMES!



dois como seres de outro planeta, que o obrigam a fazer deveres, tomar banho e a realizar tarefas domésticas e atividades "que constroem o caráter".

Calvin também adora pregar peças e deixar enojada a coleguinha de escola e vizinha Susie

Derkins, com quem vive um relacionamento que, segundo o autor, é uma espécie de relação amor/ódio.

Suspeito que Calvin tem uma quedinha por ela, que ele expressa tentando importuná-la, mas Susie se enerva com a estranheza de Calvin, o que o encoraja a ser ainda mais estranho, então é uma boa dinâmica. Nenhum dos dois entende direito o que está acontecendo, o que é uma verdade para quase todas as relações. (WATTERSON, 1995, p.24)

Na escola, o garoto se recusa a aprender o que é ensinado e sempre que pode questiona a utilidade dos ensinamentos da professora. Esta, por sua vez, constantemente o condena por seu excesso de imaginação e falta de aplicação à educação tradicional. A mestra, por sinal, é batizada como senhorita Wormwood, uma “homenagem” de Watterson a demônio aprendiz, do livro *Screwtape Letters*, de C.S. Lewis.

Na escola, Calvin também mostra sua total inaptidão nos esportes de grupo (e para a maioria das relações sociais) e ainda sofre com Moe, um garoto

mais velho, o típico valentão do colégio. E, por fim, com a incompreensão dos colegas e do “sistema”, com o qual ele sempre entra em confronto.

Nas ocasiões em que se sente contrariado – ou simplesmente quando se distrai – Calvin costuma se deixar levar pela imaginação, lançando mão de uma série de *personas*. Entre estas se destacam o *Homem Estupendo* (um “super-herói” que veste gorro e capa, com força suficiente para destruir a escola, resolver uma prova difícil em segundos - sem necessariamente acertar alguma coisa - ou ainda enfrentar suas arquiinimigas, Lady-Mãe e Mulher-Babá); o *Cosmonauta Spiff* (sempre que é forçado a fazer alguma coisa, Calvin se imagina como o intrépido viajante espacial. A senhorita Wormwood, os pais e o valentão Moe viram horrendos alienígenas); o *Detetive Tracer Bullet* (quando uma questão na prova é muito difícil ou é preciso descobrir quem quebrou o vaso da mamãe – em geral ele mesmo - entra em cena Tracer Bullet, capaz de encontrar soluções peculiares para qualquer “crime”); o *Supremo Ditador para Toda Vida Calvin* (melhor e mais condecorado oficial do clube L.M.G. - Livre-se das Meninas Gosmentas); e o *Tiranossauro Calvin ou Calvinossauro* (se os meninos estão ficando muito tempo no escorregador e a fila é grande ou é hora de uma monótona visita ao super-mercado, surge o terrível dinossauro que pode comer a tudo e a todos).

## A MORTE DE UM MILIONÁRIO

A maioria das pessoas pensa que Calvin é baseado em um filho de Bill Watterson ou na infância do autor. Ele nega ambas as teorias:

Não tenho filhos e eu era um garoto muito quieto e obediente, quase o oposto de Calvin. Na verdade, uma das razões pelas quais eu achava divertido escrever Calvin é que constantemente eu não concordava com ele. Calvin é autobiográfico se considerarmos que ele pensa nas mesmas questões que eu, mas nesse sentido ele reflete mais minha idade adulta que minha infância. As brigas dele são metáforas das minhas. Suspeito que a maioria de nós fica velho sem realmente crescer e dentro de cada adulto (em alguns não muito dentro) há sempre um garoto mimado que quer tudo do seu jeito. Eu uso Calvin como um escape para minha imaturidade, um modo de me manter curioso sobre o mundo, uma forma de ridicularizar minhas próprias obsessões e como uma forma de criticar a natureza humana. Eu não gostaria de ter Calvin em casa, mas no papel ele me ajuda a pensar a minha vida e entendê-la (WATTERSON, 1995, p.21).

Calvin: quando a violência do mundo real mata um personagem da ficção

Apesar de sua relação quase terapêutica com o personagem e do sucesso atingido por Calvin, Bill Watterson resolveu parar com a tira em 1995, logo depois de lançar um álbum especial em comemoração aos dez anos do personagem. Na época, a tira era publicada em 2,5 mil jornais apenas nos Estados Unidos e em centenas de outras publicações de mais 13 países, entre eles o Brasil. Os mais de dez livros que reuniam as tiras já atingiam a marca de 23 milhões de exemplares vendidos e o autor recebia com o personagem cerca de US\$ 1 milhão anuais.

O fim do personagem foi anunciado por jornais de todo o mundo e surpreendeu os leitores. Watterson não explicou claramente seus motivos. Limitou-se a declarar, na mesma carta em que anunciou sua aposentadoria, que estava “cansado de acordar todos os dias pensando no que Calvin iria fazer” e que pretendia trabalhar de maneira mais elaborada e minuciosa, com um mínimo de contratos, acordos e prazos a cumprir.

Muitos viram na atitude do quadrinista uma resposta às pressões para comercializar os direitos do personagem em produtos de *licensing*, algo que ele sempre se recusou a fazer. Na opinião de Watterson, uma comercialização da imagem do personagem nos mais diversos produtos vulgarizaria sua criação e seria trabalhada em formato diferente da tira, inclusive obrigando-o a trabalhar com uma equipe para produzir seus personagens. O fator principal de sua recusa em comercializar produtos de Calvin, porém, é que Watterson temia – em suas palavras – “uma corrupção da integridade da tira”:

Todas as tiras devem entreter, mas algumas têm um ponto de vista e um propósito sério por trás das piadas. Quando um cartunista está tentando falar honesta e seriamente sobre a vida, então acredito que ele tenha uma responsabilidade de pensar além do que o mercado quer e precisa. (...) Minha tira é sobre realidades privadas, a magia da imaginação e algumas amizades especiais. Quem acreditaria na inocência de um garotinho e seu tigre se eles se aproveitassem de sua popularidade para vender bugigangas que ninguém precisa? Quem confiaria na honestidade das observações feitas na tira se os personagens são vendidos como garotos-propaganda?” (WATTERSON, 1995, p.10-11)

Ainda hoje, as tiras de Calvin são republicadas em diversos veículos de comunicação e a Universal Press Syndicate Company, responsável pela distribuição e comercialização das tiras criadas por Watterson até 1995, recebe centenas de cartas e e-mails de fãs pedindo a volta de Calvin. Watterson, porém, sequer se pronuncia sobre o assunto.

## SOCIEDADE DOENTE

Os motivos alegados por Watterson para matar Calvin parecem ser legítimos, porém, em uma análise mais aprofundada de seu trabalho, é possível afirmar que eles não foram os únicos e, mais ainda, que o fim do garoto era inevitável. Assim como acontece com outros personagens classificados como cotidiano-metafóricos, o universo de Calvin era firmemente ancorado no mundo real. A identificação dos leitores com o personagem “é baseada no fato de ele, apesar de ser um personagem fictício, representar pessoas reais ou pelo menos valores e características de pessoas existentes e, ao fazê-lo, auxiliar os leitores a viverem seus medos e desejos de forma catártica, sem os riscos ou conseqüências da realidade” (CARVALHO JR, 2002, p.39-40).

Portanto, por um princípio básico da ficção, o herói cotidiano-metafórico deve ser possível de existir no mundo real:

Temos de admitir que, para nós impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo. Isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real (ECO, 1994, p.89)

As críticas “sobre a vida” feitas por Watterson, ainda que repetitivas, eram exemplares e refletiam o mundo do autor, metáforas de suas “brigas”, sua opinião sobre o mundo. No entanto, eram carregadas de altas doses de ironia e de metáforas visuais geradas pela imaginação de Calvin. Em uma de suas mais célebres críticas ao sistema escolar americano, por exemplo, Watterson mostra



Calvin: quando a violência do mundo real mata um personagem da ficção

Calvin imaginando um “dia típico na escola”, iniciando-se em meio a um estouro de boiada, passando para uma cena em que o garoto tem seu cérebro preenchido por um líquido verde vindo de uma máquina de produção em cadeia, transformando-se numa cobaia engaiolada, num prisioneiro, num robô, num papagaio e assim por diante.

Constantemente Calvin também imagina seus pais, amigos, a professora ou a babá como alienígenas, chegando a “atirar” neles com uma arma imaginária que, quando a cena volta a mostrar o mundo real, o leitor descobre ser uma bexiga cheia d’água, uma mangueira ou qualquer outro objeto razoavelmente inofensivo.

De outra feita, Calvin se imagina pilotando um avião e explodindo a escola para, no quadrinho seguinte, aparecer suspirando ao deixar o ônibus escolar rumo à classe. “Recebi correspondências grosseiras sobre essa tira. Alguns leitores acharam indesculpável que um garoto fantasiasse sobre explodir sua escola da face da Terra. Aparentemente alguns de meus leitores nunca foram crianças”, afirmou Watterson sobre essa história (WATTERSON, 1995, p.94).

No início dos anos 90, porém, a sociedade americana começou a sofrer mudanças que fizeram as inocentes “fantasias” de Calvin sobre a escola tornarem-se uma realidade cruel e insólita. Inúmeras escolas americanas sofreram atentados preparados por alunos. Crianças e adolescentes com problemas psicológicos, que não gostavam da escola, de colegas e de professores. Estudos sobre violência nas escolas americanas realizados anteriormente a 1995 são



considerados insuficientes, mas, para se ter uma idéia, 105 acidentes violentos envolvendo crianças e jovens teriam sido detectados em escolas estadunidenses - incluindo 85 assassinatos - de 1992 a 1994 (KACHUR, 1996).

No ano de 1991, 19% dos alunos de oitavas séries de escolas americanas tinham sido ameaçados por armas (Burbach, 1992). Durante os anos de 1996 e



1997, de acordo com dados oficiais do Ministério da Educação Americano, foram registrados 11 mil casos de ataques violentos com armas dentro de escolas, 190 mil casos sem armas e 98 mil casos de vandalismo.

Assim, na década de 90, a crítica engraçada de Watterson passava a ser vista com outros olhos e saía do campo da ficção divertida, da fantasia de criança, para entrar em uma triste realidade perpetrada, muitas vezes, por crianças.

Também passou a ser complicado mostrar Calvin brincando de atirar com sua “pistola cósmica” nos pais e na babá, quando cada vez mais crianças se envolviam em acidentes brincando com revólveres de verdade que encontravam nas gavetas de seus pais. “Em 1990, entre os cidadãos americanos eram contabilizados mais de 200 milhões de armas de fogo” (BURBACH, 1992). O *National Center for Injury Prevention and Control* apurou que entre 1994 e 1998 cinco crianças morreram por dia em decorrência de acidentes com arma de fogo. Ainda assim, pesquisa conduzida em 1999 em todo território norte-americano pelo Instituto Peter Hart mostrou que 40% das famílias com crianças



Calvin: quando a violência do mundo real mata um personagem da ficção

possuem armas e, destas, 28% mantêm armas carregadas e em locais destrancados - e 48% delas não checam regularmente se as armas estão fora do alcance das crianças ou equipadas com travas para evitar seu uso por elas.

Da mesma forma, ficava difícil mostrar um garoto jogando balões de água em uma menina em uma relação amorosa mal resolvida, quando um simples beijo no rosto em uma coleguinha podia levar uma criança a responder um processo por assédio sexual e, em toda a década de 90, crescia o número de pais de crianças processando pais de outras crianças por agressão quando as primeiras eram “vítimas” de brincadeiras comuns e inofensivas.

Em um dos casos mais divulgados pela imprensa, em 1996 o garoto Johnathan Prevette, de seis anos, foi retirado da sala de aula onde estudava (na cidade de Lexinton, Carolina do Norte, EUA) e suspenso por ter beijado no rosto uma coleguinha de classe, da mesma idade. No ano anterior, os pais da menina já haviam apresentado queixa contra o garoto por abraçar a menina.

Em 1999, a Suprema Corte dos Estados Unidos aprovou lei determinando que escolas e funcionários de escolas poderão ser imputados judicialmente por casos de assédio sexual entre crianças e adolescentes que estudarem nos estabelecimentos.

Todas essas mudanças na sociedade fizeram com que o temor que Watterson tinha em relação à comercialização de



sua tira acabasse concretizando-se de outra forma: a integridade de Calvin estava sendo corrompida não porque os personagens tivessem sido vendidos, mas porque as mudanças do mundo real deturpavam a imaginação do mundo de ficção. Pior ainda, em uma notável inversão do processo de narrativa ficcional, o mundo real começava a se tornar uma forma deturpada do mundo imaginário.

Outros autores talvez optassem em mudar o mundo de seus personagens ou, simplesmente, em ignorar as deturpações do mundo real e aceitá-las como tal. Mas Watterson não faria isso.

Como deixou claro em sua briga contra o *licensing* – o autor chegou a ir à Justiça contra a distribuidora de suas tiras por cinco anos para impedir a comercialização da imagem de Calvin, e ganhou a causa –, Watterson acreditava

ter total responsabilidade não só sobre Calvin, mas sobre como ele poderia influenciar as pessoas<sup>1</sup>. Calvin não era realmente seu filho, na acepção da palavra, mas era, sim, um prolongamento de si mesmo, uma forma de falar com o mundo e ser ouvido por ele. Essa responsabilidade implicava um mundo que ouvisse de maneira certa e no mundo que surgia a partir da década de 90 isso não acontecia mais.



“O mundo de uma tira de quadrinhos é muito mais frágil do que as pessoas imaginam ou admitem. Personagens críveis são difíceis de desenvolver e fáceis de destruir”, dizia Watterson que, diferentemente “das outras pessoas”, imaginava e admitia a fragilidade do mundo da tira. Por isso, acabou com ele.

### NOTA

<sup>(1)</sup> Essa influência de personagens já foi confirmada – e assustou – vários autores. O cartunista Maurício de Sousa conta que deixou o personagem Cascão “um tempo na gaveta” antes de lançá-lo nas tiras da Turma da Mônica, porque temia que as crianças seguissem o exemplo de não tomar banho. Depois de ter lançado o personagem, Maurício chegou a ser ameaçado por um homem que achava que as HQs do personagem ironizavam os hábitos (não-) higiênicos e tirou Cascão das histórias por alguns meses. “Às vezes, essa identificação (com o personagem) pode passar do ponto. E isso assusta”, diz.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURBACH, Hall. *Violence and The Public School*. EUA: Curry School of Education, 1991.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Atena, 1990
- CARVALHO JR., Dario de Barros. *A morte do herói : introdução ao estudo de sobrevivência de modelos míticos nas Histórias em Quadrinhos*. Campinas: Tese de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Unicamp, 2002.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cidade das Letras, 1994.
- KACHUR, S. P. *Journal of The American Medical Association*. EUA: edição de 12 de junho de 1996.
- WATTERSON, Bill. *The Calvin and Hobbes Tenth Anniversary*. Kansas City: Editora Andrews and McMeel/Universal Press Syndicate, 1995.